



ARTE E MEMÓRIA NA MATURIDADE

Experiências com artes cênicas e outras práticas pedagógicas¹

Maria Cristina Neves Corrêa²

RESUMO: O presente trabalho aborda a importância do idoso frente à História, partindo do pressuposto de que, atualmente, tanto para o idoso quanto para a sociedade moderna, a figura do velho e, por conseguinte, sua memória é tida como antiquada, devendo isto ao estágio atual da sociedade mecanicista na qual vivemos. Trabalhos recentes têm demonstrado a antítese desse pensamento, resgatando as memórias de idosos através de práticas pedagógicas e metodológicas que visa, através de linguagens, possibilitarem práticas inclusivas na velhice, assunto que será mencionado neste trabalho. Ao trabalhar com velhos na Universidade Livre da Maturidade em Aurifloma, surgiu uma ferramenta elucidativa: jogos cênicos, para o resgate de memórias, lembranças de infância e da família pelos idosos. Nesta pesquisa, busquei desenvolver a construção social dos velhos mostrando as reflexões em torno da temática e, posteriormente, o debate das literaturas sobre memórias e velhice, desenvolvendo o diálogo com os entrevistados – sujeitos da minha pesquisa.

Palavras-chave: Artes cênicas, memórias, fotografias, práticas pedagógicas.

APRENDENDO A APRENDER

As universidades e os projetos voltados para esta faixa etária têm colocado em pauta propostas inovadoras, promovendo a autoestima dos idosos, lutando contra os preconceitos, incentivando a criação de conselhos e fóruns em nível municipal, estadual e federal para assessorar a administração pública. Neste contexto, comecei a estreitar relações com a temática problematizando o trabalho com os idosos.

Na FAU - Faculdade de Aurifloma, temos a UNILMA - Universidade da Maturidade e comecei a lecionar uma das disciplinas do curso, onde trabalhei com

¹ Este artigo é parte da Monografia: Arte e Memória: experiências e práticas inclusivas na Universidade Livre da Maturidade, Aurifloma, 2004 – 2007, apresentada ao programa de pós-graduação *latu sensu* da Faculdade.

² Professora do departamento de Artes do Centro Universitário de Jales, UNIJALES.



dramatização de jogos cênicos, propiciando a um grupo de idosos o repensar sobre suas vidas por meio do trabalho com memórias.

A dramatização de memórias ou de fragmentos de vida de pessoas comuns está presente em alguns trabalhos de teatro comunitários e outros. No entanto, diferem em diversos aspectos da proposta desenvolvida por mim. Geralmente, as pessoas ou os idosos colaboram com lembranças ou fatos de suas vidas, mas não participam do espetáculo.

A proposta metodológica se deu ao buscar utilizar o teatro, a música como um recurso na compreensão das subjetividades dos idosos a partir da encenação de suas lembranças. Este processo deu origem a diferentes exercícios de registro dramático e apontou caminhos para a investigação, delineando meu percurso pelos estudos de memórias e, respectivamente, a possibilidade da produção de uma dramaturgia breve de lembranças de pessoas comuns. O que denomino dramaturgia breve de lembranças refere-se ao produto de um trabalho coletivo com não atores que, utilizando a linguagem teatral e recursos de escrita dramática, trabalho com músicas através de suas histórias de infâncias e outras temáticas - lembranças criaram outro canal de comunicação para expressar as suas memórias.

O interesse pelos relatos de memória e a perspectiva da criação de um arquivo que fosse utilizado nas oficinas, inicialmente, como material de jogo e, depois, como conteúdo dos textos, foi ganhando terreno. Nesta perspectiva, os textos foram concebidos rigorosamente no processo de criação coletiva, com soluções cênicas surgidas das improvisações.

A liberdade de apropriação do discurso sobre si mesmo e sobre o mundo, presentes nas improvisações, reconhecia aos participantes o direito de usar as palavras e o próprio corpo na forma que lhes convinha. Mais do que oferecer uma formação teatral, ou interpretação de músicas... Convidei estas pessoas, através da dramatização, a lançar um novo olhar sobre si mesmas, sobre seu entorno e sua criação artística. No entanto, ao mesmo tempo, os jogos cênicos ajudavam no processo de desinibição, de liberação da ludicidade, capacitando este grupo de idosos da UNILMA (Universidade Livre da Maturidade de Auriflora) a mostrar algum desempenho em cena, evitando a simples animação do texto, procurando pensar por meio da linguagem teatral, musical e inventando um sistema de atuação vinculado ao processo criativo. E, neste momento, o trabalho de elucidação dos signos teatrais iniciava, permitindo ao grupo nomeá-los, conhecê-los e escolhê-los, jogando com eles.



MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Para o estudo das reminiscências, lembranças dessas pessoas idosas, a reflexão de Ecléa Bosi (1995), em seu trabalho sobre memórias de velhos, foi relevante e elucidativa da temática quando elaborou sua discussão sobre a memória:

Um verdadeiro teste para a hipótese psicossocial da memória encontra-se no estudo das lembranças das pessoas idosas. Nelas é possível verificar uma história social bem desenvolvida: elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; eles já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que uma pessoa de idade. (BOSI, 1995, p. 60)

Reagindo aos estigmas da velhice, criou um outro canal de expressão para suas lembranças, abrindo novas vias de comunicação entre gerações e inventou uma maneira peculiar de falar sobre o passado.

Percebe-se, então, o reconhecimento da autoridade religiosa ao processo de envelhecimento e, é válido salientar, essa atitude tem partido também de outros autores que se dispõem a tratar a questão da velhice. Conforme Magalhães (2004), nas culturas tradicionais, o idoso foi sempre visto como sendo símbolo de sabedoria, através do ato de lembrar e de dar expressão a suas lembranças:

O papel da memória é tradicionalmente valorizado entre os mais velhos, assim como suas lembranças constituem patrimônio coletivo, expresso e revivido permanentemente no contato com as novas gerações, sejam crianças ou adultos. Ao velho e ao antigo cabe, na sociedade tradicional, papéis e padrões comportamentais apoiados no valor da respeitabilidade [...] (MAGALHÃES, 2004).

Dessa forma, o idoso, para determinadas culturas, representa a continuidade da história, pois o velho representaria o binômio memória/continuidade dos valores almejados pelo grupo social. Pode-se afirmar, ainda, que essa adequação não se restringe a povos considerados por muitos como de pouco conhecimento racional (terminologia essa usada em uma visão eurocêntrica de conhecimento) – no caso, as sociedades indígenas, em que o papel do idoso é de extrema importância para a



manutenção e transmissão dos conhecimentos da tribo. Em contraponto a essa afirmação, é sabido que sociedades milenares da Ásia, como é o caso do Japão, têm uma relação de extremo respeito pela população idosa, chegando aos dias atuais.

Partindo agora para outro extremo, Ecléa Bosi (1994, p. 203) afirma que, na sociedade industrial, a velhice é maléfica, porque nela todo sentimento de continuidade é destroçado. Dessa forma, a perda da continuidade é o fato marcante da sociedade pós-moderna. Há, nos dias de hoje, uma crescente disfunção do trabalho da velhice: lembrar e dialogar com suas lembranças. Aqui reside o fato considerado como sendo o mais marcante, frente às leituras realizadas a respeito deste tema: o desaparecimento contínuo da memória do idoso como correspondência entre os domínios do passado e do presente. O antigo não tem mais função, a não ser em lojas de antiguidade.

Conforme Magalhães (2004), ao idoso, na sociedade moderna, fica vedado cada vez mais o direito de recordar o passado através de suas lembranças, meio essencial de interação com as novas gerações. Nem mesmo alguns setores da história escapam dessa afirmação, a partir do momento em que se prioriza em especial o documento escrito. Para as novas gerações, o passado perde importância a partir do momento em que não conseguem vincular essa noção à nova sociedade, pós-moderna, com as constantes reconfigurações do novo a cada momento.

No tocante aos outros elementos da interseção, *memória* e *velhice*, esses são, antes de tudo, termos fugidios à análise; em especial o termo *memória* é sobretudo plástico, carecendo de precisão conceitual. Num primeiro momento, tais elementos são mais apropriados à área de psicologia social, e menos à história³. Não obstante, ambos guardam fortes relações com o tempo, com o que já ocorreu e é irreversível.

Ao propor relacionar o diálogo arte cênica – memórias de velhos, em um dos módulos do curso, procurei trabalhar com diversas temáticas – linguagens, que teve como objetivo o processo de recordação e memórias.

³ A moderna história oral duvida acertadamente da capacidade do *oralista* em cavar camadas profundas da memória de um indivíduo, devido ao seu despreparo em desenvolver técnicas eficazes de estímulos às lembranças (hipnose, livres associações, terapia, e até uso de drogas). Os psicólogos são os mais indicados para colher lembranças de velhos. Apesar da interdisciplinaridade decorrente do uso da história oral, deve-se levar em conta que, em última instância, o profissional mais qualificado para analisar a relação do depoente com suas lembranças é o psicólogo e não o historiador. A esse último, cabe-lhe se aproximar da maiêutica socrática, como ‘parteiro de lembranças’, porém assumindo que a memória faz parte da história, mas não se confunde com ela. O produto do trabalho do historiador deve ser o registro da experiência vivencial e de informações para a feitura de um tipo particular de documento, cuja relevância está em trazer à baila novos elementos para a leitura da sociedade - a contar que todos os agentes sociais têm história.



O aluno João Capóia, 72 anos, relembrou os tempos de infância enfatizando a importância e o papel da escola – professora que teve no seu tempo na escola. Segundo sua narrativa

Minha maior felicidade foi meus oito meses na escola rural. Eu tinha que ir para a escola, porque eu adorava a minha professora, era como a minha mãe. A maior alegria que eu tinha era as três horas que eu passava dentro daquela salinha pobre de “tauba” com a professora chamada Iraci. Depois, ela se desentendeu com o fazendeiro e saiu, mas ela foi feliz com a gente. Eu não esqueço ela. (Entrevista do Sr. João Capóia).

Memórias de infância sempre aparecem como um “saudosismo” na narrativa dos depoentes. Felicidade, adorava e alegria, são as palavras que elucidam o tom da narrativa do entrevistado. Lembrar-se da escola referiu-se ao tempo diferenciado nas memórias do entrevistado. Assim, o Senhor João projeta um imagem construída em torno da escola como o “templo do saber” e do conhecimento formal importante naquele momento, mesmo com as precariedades. Esse aspecto-temática mostra sinais de que não foi assim em todas as famílias e grupos comunitários. Contudo, todos os velhos passaram um período de sua infância na escola. Esses períodos caracterizam-se por terem sido curtos ou longos, mas também por terem deixado marcas. As marcas estão expostas, como sangramentos de feridas abertas nos relatos e só podem ser percebidas a partir de uma disposição metodológica do ouvir.

Ainda, sobre memórias de infância, a narrativa da aluna Doralice Plazas Monteiro, 65 anos remete o seguinte:

O que eu mais me recordo da minha infância é o caminho da escola. Moramos no sítio e vínhamos eu e meu irmão “pra” escola a cavalo. E quantas vezes vinha da escola molhada “pra” casa, porque chovia; mas vinha feliz, com amor... Uma vez, me recordo muito bem que a gente estava atrasada “pra” aula e ele deu uma “chicotada” no cavalo, eu ia solta, escorreguei, caí para trás e ele foi “pra” frente e nem percebeu que eu tinha caído do cavalo.

E ele tava bem longe quando viu, voltou “para trás” e eu, bem suja, acabei indo pra aula daquele jeito. Foi um fato que me lembro bem. Esse irmão foi muito importante pra mim. Ele me beliscava, brigava comigo. Mas a gente se dava bem. E, hoje, infelizmente, eu não tenho mais esse irmão.

O Senhor João Capóia relembra também o “tempo da infância:

A gente quando criança tinha uma vida... E eu tinha a minha. Mas muita coisa a gente guarda como lembrança. Guardo comigo uma lembrança que se refere ao nome da professora. Eu entrei na escola com sete anos e fui gostando e, por



acaso, no mês de junho, meus “irmão” fizeram um baile. Eu não sei se “é” de Santo Antônio ou São Pedro. Eu sei que era um baile. E a minha professora apareceu por acaso no baile. Eu fui buscar minha mãe e apresentei para ela. Eu fiquei tão “sastifeito” que até na hora dela ir embora eu fiquei com ela. Foi a maior felicidade do meu tempo de criança.

As experiências do tempo da escola são predominantes nas lembranças dos velhos. Talvez, por ser a primeira vivência com crianças diferentes e um convívio com um grupo social definido – estabelecido, ou lembrar da “escola” é um aspecto positivo diante das dificuldades na sociedade presente, onde sabemos que as histórias - lembranças que os velhos relembram não são representações exatas do passado deles, mas trazem aspecto desse passado e os moldam para que se ajustem aos seus valores e aspirações atuais.

Finalmente, ao refletir sobre o que a escola representou para cada pessoa, é possível dizer que a educação formal teve seu espaço, foi presente e marcante na vida de cada criança. Essa presença mereceu destaque na memória seletiva de cada um e trouxe fatos e histórias significativas que estão na constituição de suas histórias de vida. Cada personagem vivenciou à sua maneira a relação com esse espaço contraditório, instigante, desafiador, desconhecido que é a escola. Com seus personagens curiosos, com suas normas, organizações, com as dificuldades de acesso e, por que não dizer, de aprendizagem.

Uma outra temática abordada refere-se à família. O senhor João Capóia questionado sobre a representação da palavra família em sua vida, narra o seguinte fragmento.

Se fosse “pra” falar tudo sobre família, leva até três dias. Família é tudo na vida. Desde o começo da vida e até depois da vida. Começa com duas pessoas e, depois, vai nascendo os filhos. Uns têm pouco, outros têm muito. Mas eles “vai crescendo” e a mãe e o pai naquela luta “pra” esses filhos crescer com saúde, preparo “pra” que eles um dia “tenha” uma família. Então, a família é essa coisa.

Família começa desde cedo no namoro, quando o moço tem que “vê” com quem ele vai “coliga” a vida dele. E a moça, a mesma coisa.

“Bão”, aí “os filho cresce” e isso é família. E feliz da família “da qual” tem filhos e o casal vive junto até que a morte os separe.

No começo de sua narrativa, remete uma reflexão dizendo que, “se fosse para falar tudo sobre família, levaria três dias”, ou seja, demonstra a subjetividade entre o



entrevistado – entrevistador, em que o segundo, por mero trabalho de pesquisa, talvez exija que a pessoa reduza sua vida, ou temas específicos em algumas palavras, ou minutos de entrevista.

A formação da consciência e cidadania do indivíduo é fator vital para a sociedade, uma vez que é dela que o indivíduo emerge, e para ela converge. O indivíduo representa o retrato de um mundo melhor, mais humano, saudável e promissor, em todos os sentidos, conforme a qualidade do ser que compõe a massa cidadã. A família, unidade representacional da sociedade é, indiscutivelmente, a sua célula máter. A ela compete, portanto, estruturar, alimentar o ser, essência formadora da sociedade.

Por considerar a experiência do trabalho com idosos extremamente envolventes e desafiadoras, pelo enredamento do seu processo e resultados é que foi assumido o desafio de sistematizar e analisar os resultados obtidos na implementação de uma proposta metodológica de sensibilização e lembranças através de músicas para essa faixa etária, verificando seu significado e sua eficácia, com a perspectiva de contribuir para uma renovação prático-conceitual de projetos desse tipo.

O Hino Nacional Brasileiro foi uma das aulas que propus como prática pedagógica, voltada para o trabalho com memórias. A pergunta inferida foi – Quando ouviu o Hino Nacional se emocionou? Quais as lembranças dessa experiência?

Dona Dora relembra sua atuação como professora e vivenciou as experiências:

Quando eu era professora, bem novinha ainda, eu estive a bandeira com meus alunos e ensinava cantar o Hino Nacional com respeito. Era tudo muito sério. E me lembro da morte do Tancredo e da vinda do Papa quando a Fafá de Belém cantou de um modo lindo, maravilhoso.

Para Dona Luzia, a memória relacionada ao Hino Nacional está relacionada às comemorações da escola e às festas cívicas.

Quando eu era criança havia disciplina na Escola. Nas comemorações, podia recitar, cantar, mas o Hino era cantado com respeito. Era lindo ver os uniformes: Azul, saia plissada, blusa branca engomada, com vivo azul na manga. E o Hino que mais me marcou foi o da morte do Sena. Até hoje quando ouço eu me emociono. E quando vejo nos estádios jogadores mascando chicletes ao ouvir o Hino eu fico muito triste. Tudo perdeu a beleza.

João Capóia relembra do hino tocado na copa do mundo. Segundo seu relato

Eu me lembro com saudade da emoção da copa de 1948, tudo muito sério. Muito bonito. Com respeito. O Hino do nosso país com respeito. E o rádio, às vezes, até com ruído, mas emocionava ouvir o Hino. Era o nosso Brasil. Havia esperança.



Dona Olívia lembra do hino brasileiro tocado no funeral de Tancredo Neves.

Segundo sua narrativa:

Eu me lembro da morte do Tancredo, do Sena e de quando o Papa veio ao Brasil. Tudo muito cheio de respeito, até dá um aperto aqui (mostra a mão sobre o peito) lembrar. Muita emoção.

A aula em que inseri a música – valsa Danúbio Azul, relacionei, um questionamento para obter os processos de recordação com a pergunta - Quando me emocionei ao ouvir essa música? E me recordo até hoje?

A aluna, Dona Dora, disse-me as seguintes palavras

Me lembro da formatura de Medicina da minha filha. Foi muito lindo ver ela dançando com meu marido. Nunca vou esquecer isso. Eu lembro ainda o tempo que existia cinema na cidade. Porque ao baile eu não ia. Era tímida. O pai não me deixava ir. Era rígido. O que eu mais me lembro é a valsa da formatura mesmo.

Para a Senhora Luzia, o conjunto da música e, principalmente, a linguagem musical, letra mais a melodia, ritmo, fez relembrar uma experiência única que vivenciou.

Segundo sua narrativa:

Uma Valsa é linda!
Eu me lembro dos bailes com orquestra. E a gente ia usando vestido todo bonito. Era uma beleza!
Não só as músicas, mas as pessoas, a orquestra. O salão era lindo. E também me lembro as músicas do cinema. Antes de começar o filme. Tocava muitas músicas como a valsa... É isso!

A música é uma linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e do relacionamento expressivo. A música está presente em todas as culturas como: festas, comemoração, rituais e nas memórias de Dona Dora que relaciona a valsa com a “formatura de sua filha” e, para Dona Luzia, “os bailes com orquestras, os vestidos bonitos, não só as músicas, mas as pessoas, a orquestra, o salão”, ampliando as representações de suas lembranças.

O autor Rubem Alves, em uma crônica do seu livro, “O Amor que acende a lua”, (1999) apresenta uma imagem que tomarei emprestada para iniciar a reflexão sobre o lugar predominante do pensamento criador no espaço-atividade sala de aula para refletir sobre proposta pedagógica e memórias de velhos. Para ele, as idéias ou as experiências de vida são como milhos, que, sob o calor do fogo, se transformam em pipocas. Uma idéia seria como uma pipoca que estoura. Esta transformação é um potencial do milho,



mas só acontece quando ele passa pelo poder do fogo. Existem, ainda segundo o autor, os milhos que, apesar de passar por processos semelhantes, não se transformam em pipocas e são conhecidos como piruás.

... o texto escolhido para o nosso bate-papo de hoje, é Milho do Pipoca, extraído do livro “O Amor que Acende a Lua” Editora Papyrus.

... A transformação do milho duro em pipoca macia é símbolo da grande transformação por que devem passar os homens para que eles venham a ser o que devem ser.

... O milho da pipoca não é o que deve ser. Ele deve ser aquilo que acontece depois do estouro.

... O milho da pipoca somos nós: duros, quebra-dentes, impróprios para comer.

... Pelo poder do fogo podemos, repentinamente, nos transformar em outra coisa.

... Mas a transformação só acontece pelo poder do fogo.

... Milho de pipoca que não passa pelo fogo continua a ser milho de pipoca para sempre.

... Assim acontece com a gente.

... As grandes transformações acontecem quando passamos pelo fogo.

... Quem não passa pelo fogo fica do mesmo jeito a vida inteira.

... São pessoas de uma mesmice e dureza assombrosas.

... Só que elas não percebem. Acham que o seu jeito de ser é o melhor jeito de ser. Mas, de repente, vem o fogo. O fogo é quando a vida nos lança numa situação que nunca imaginamos.

... Dor. Pode ser fogo de fora: perder um amor, perder um filho, o pai, ficar doente, perder o emprego, ficar pobre.

... Pode ser fogo de dentro: pânico, medo, ansiedade, depressão, sofrimento cujas causas ignoramos.

... Há sempre o recurso do remédio. Apagar o fogo. Sem fogo o sofrimento diminui.

... E com isso a possibilidade da grande transformação.

... Imagino que pobre pipoca, fechada dentro da panela, lá dentro ficando cada vez mais quente, pensa que sua hora chegou: vai morrer.

... Dentro de sua casca dura, fechada em si mesmo.

... Ela não pode imaginar destino diferente. Não pode imaginar a transformação que está sendo preparada.

... A pipoca não imagina aquilo de que ela é capaz. Aí, sem aviso prévio, pelo poder do fogo a grande transformação acontece: PUM! e ela aparece como



uma outra coisa completamente diferente que ela mesma nunca havia sonhado.
... Bom, mas ainda temos o piruá, que é o milho de pipoca que se recusa a estourar.
... São aquelas pessoas que, por mais que o fogo es quente, se recusam a mudar. Elas acham que não pode existir coisa mais maravilhosa do que o jeito delas serem.
... A sua presunção e o medo são a dura casca de milho que não estoura.
... O destino delas é triste. Ficarão duras a vida inteira. Não vão se transformar na flor branca e macia.
... Não vão dar alegria para ninguém. Terminando o estouro alegre da pipoca, no fundo da panela, ficam os piruás que não servem para nada.
... Seu destino é o lixo...
... Tenham uma ótima semana!

Através da crônica do autor, busquei empreender o resgate de temas referentes às memórias dos idosos. Com a pergunta. “Quando virei pipoca?”

A leitura da crônica para Dona Dora remeteu à seguinte reflexão:

Mudei minha vida quando fui convidada a sair da condição de professora para a coordenação de uma escola. Ajudar a diretora. Tive medo. Enfrentei o marido com a idéia contrária, porque não gostaria que eu saísse à noite. Ele acabou entendendo e aceitando. Então, assumi a responsabilidade tão diferente. Foi muito difícil a mudança, mas eu consegui e fiquei muitos anos no cargo. A diretora dizia que eu era seu braço direito. Eu cresci muito e considero uma pipoca. Realizada por ter tentado crescer e conseguir.

Para Dora, os significados do texto e da interrogativa “quando virei pipoca” referem-se à “mudança de vida”, tanto é que narrou suas experiências de mudanças de um cargo para outro e, respectivamente, responsabilidades diferentes.

Dona Luzia narrou uma experiência diferente e deixa evidente a interpretação diferente que relacionou com a crônica de Rubem Alves e o significado que o texto lhe trouxe:

O “jogo” começou quando meu filho se separou da mulher. Ele sofreu e eu sofri muito com ele. Eu não aceitava a dor dele. E, logo depois, meu marido que sofreu mais que eu, veio a enfartar e morrer. Foi tudo uma mudança na minha vida. Uma dor que me jogou no chão e, mesmo querendo ficar ali caída, precisei levantar e reagir. Virar pipoca foi muito difícil, muito difícil, mas eu consegui. Hoje, sei que venci.



O significado de mudança para Dona Luzia trouxe alguns traumas que ficaram marcados em suas lembranças, com a separação do filho, a morte do marido, mas, segundo ela, virou pipoca e venceu as dificuldades e circunstâncias da vida.

O jogo com palavras também foi usado como proposta pedagógica. A palavra saudade teve um significado diferente ao Senhor João Capóia da seguinte maneira:

Tenho saudade, quando saí os 13 anos de casa. Eu tinha um conjunto e tocava baile. Naquele tempo, o Luiz Gonzaga tocava nas rádios e veio até aqui. E as moças “pediam” para tocar baias.
Eu lembro de um casamento que toquei onde apareceu a dupla Tibagi e Zé Mané que depois virou Tibagi e Miltoninho.
Eu ajeitei para eles tocar no baile do casamento comigo, mas, quando eles chegaram, acabou o baile e começou o Show. Diss,o eu sinto muita saudade.

Para Dona Dora, saudade refere-se “aos seus irmãos”. “Era em 14 em casa e quando reunia todos era muita felicidade. Eu sinto saudade.” Sobre a palavra amizade, Dona Dora narra sobre sua amiga da casa ao lado. “Eu tenho uma vizinha – Aparecida, que é uma irmã. Eu vim morar em Auriflora com três filhos pequenos e não tinha ninguém aqui. Faz trinta anos que moramos perto. Todas as alegrias e tristezas passam juntas. E essa amizade é o bem maior que eu já tive.”

Os detalhes e as minúcias da descrição da imagem dos velhos delineiam o perfil de um estilo de vida familiar. As reminiscências da infância são alimentadas, hoje, pelo uso das fotografias que acabam gravando em papel, um episódio e um detalhe de uma vida. Os avós, tão presentes na infância e mocidade dos avós de hoje, acabam se transformando em figuras familiares aos olhos de seus netos e filhos.



FIGURA 1: Dona Luzia aos cinco anos de idade com seus irmãos

Não são apenas os retratos antigos dos avós, tios, primos, pais e irmãos que têm a função de relembrar a união familiar, mas também móveis e objetos: a cama de madeira trabalhada e a cômoda da sala, a imagem de um santo, o diário da avó que não conheceu e que hoje se encontra nas mãos da neta. Esses objetos não são apenas partes de um passado, mas símbolos da família, dos laços de descendência, que podem ser transcritos como bens que contêm uma história.

A arte e as memórias com fotografias foi uma das práticas pedagógicas trabalhadas no curso, com o objetivo de resgatar as lembranças, através de álbuns de família de cada aluno. O que chamou a atenção nas imagens foram os detalhes das

figuras antigas dos velhos, ouvidos pessoalmente ou através das histórias contadas no meio familiar. São um traço constante nos depoimentos de pessoas que procuram marcar sua identidade através da inserção em famílias consideradas importantes, seja do ponto de vista político e econômico, seja também por sua força moral, representada pelas figuras de patriarcas e de matriarcas que congregaram os familiares por muito tempo, estando as crônicas sempre revivendo a importância da união familiar.



FIGURA 2: Dona Luzia no sítio em que morava

As lembranças dos velhos acentuam a necessidade de caracterizar as memórias como a fonte de transmissão de determinados bens simbólicos, que representam, a seus olhos, uma situação social e, ao mesmo tempo, uma ordem moral. As fotografias têm o significado de transmitir o início da trajetória da grande família; neste sentido, até

relembrar falar de avós matriarcas ou avós patriarcas é falar em seu poder familiar, na capacidade de agregação de uma ampla rede familiar em torno de si, não apenas para festejar determinadas datas, mas também como um elemento de comunicação e de conhecimento entre membros de uma grande família.



FIGURA 3: O Senhor João Capóia aos 18 anos

Esses bens simbólicos, contudo, não precisam representar necessariamente uma origem do *status* elevado na hierarquia social nem precisam ser objetos transferíveis de uma geração para outra. A transmissão de bens simbólicos às gerações seguintes situa a família como o lugar dessa passagem, fazendo de cada descendente o alvo e, ao mesmo tempo, o veículo da preservação dos valores familiares. Em torno dessa idéia de transmissão de valores está presente a noção de um tempo que se repete, de um tempo cíclico. Para essas pessoas, preocupadas em marcar seu lugar social e sua identidade pela inserção na grande família. O tempo do ciclo dessa grande família é a referência temporal.



FIGURA 4: Senhora Dora com a Mãe, filhas e netas

Uma experiência elucidativa para o trabalho realizou-se na pesquisa de campo, quando fui recebida nas casas de cada aluno para as entrevistas e relataram-me sobre as caixas que ficam nas partes mais altas dos armários, álbuns nas estantes do escritório, envelopes e papéis empilhados dentro de gavetas, pacotes cuidadosamente amarrados com barbantes e guardados em cômodas pesadas que são os espaços para guardar fotos, álbuns e outras tantas relíquias familiares. Se não são vistos como os lugares mais adequados para a conservação de fotos, sendo até considerados como improvisados e escolhidos meio ao acaso na arrumação da casa, estão ao mesmo tempo à mão de quem ali guarda as imagens e objetos que documentam a memória da família. Mesmo fechadas no alto dos armários, as coleções de fotografias deixam rastros no meio da casa: retratos emoldurados nas paredes, nas estantes, espalhados em cima do piano. Nota-se na escolha destes lugares, feita entre o acaso e a determinação, uma estratégia de esconder e expor um jogo de apresentação pública e de preservação da intimidade familiar.

As fotografias, certamente, não são o único bem que o guardião da memória do acervo fotográfico coleciona (filhos dos Senhores e Senhoras). Outros objetos participam do afã colecionador dos filhos e netos - cartas, "santinhos", medalhas, vasos,

móveis. Todos juntos são elementos a serem preservados e reunidos, compondo um pequeno museu.

A cena fotográfica expõe a criança, conferindo-lhe um lugar de absoluta centralidade. O olhar de quem segura o pequeno bebê não se dirige para o fotógrafo. Seu rosto volta-se para a criança, retirando de si toda a importância e obrigando o olhar de quem vê a foto a focalizar sua atenção no pequeno ser suspenso em seus braços. Sentada sozinha, nos sofás e nas cadeiras de espaldar alto, com ares principescos, a criança tem reafirmada, mais uma vez, sua supremacia

A imagem não é senão o ponto de partida para essa viagem, para um despertar de uma memória de sentimentos e emoções. São estes, na verdade, os responsáveis pelo movimento do olhar que, selecionando, escolhe, elimina e estabelece, por fim, as melhores fotografias, aquelas mais fiéis à idéia que construímos da realidade.



FIGURA 5: Dona Olívia Capóia com o irmão, aos oito meses

A narrativa que envolve estas fotos reúne as múltiplas facetas da vida, englobando-as, dando-lhes uma face mais completa, mais homogênea e menos efêmera. A vida não se reduz aos papéis sociais que são desempenhados no dia a dia. Cada indivíduo é bem mais que isso: parte de uma vida mais longa, é um elo na cadeia de uma história que o contém e lhe dá transcendência, da qual as fotografias são a prova irrefutável.



FIGURA 6: Dona Doralice com a família na cidade de Poloni.

O trabalho de resgate da história de cada um parte de pequenos fragmentos de tempo. Não é senão um instante mínimo da vida que aparece na fotografia. A data anotada no verso elucidada parte da história, fornecendo um dado precioso para recompor o quebra-cabeça da vida de cada um. A fotografia que retém a boa imagem que temos de nós mesmos e das outras pessoas e dos lugares por onde passamos, deve conter sempre a possibilidade do resgate de uma história. Hoje, quando a linguagem dos sentimentos e das emoções passou a ser aquela que identifica a vida familiar, é preciso estar sempre atento para situações e instantes em que esta linguagem aparece em toda sua força. É um pequeno instante e é um mínimo pedaço de tempo que deve ser captado por aquele personagem que é, ao mesmo tempo, espectador atento da vida familiar.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho consolida o aumento da participação dos idosos e o surgimento de novas representações sobre a velhice que não podem ser explicados unicamente pelo envelhecimento da população, pois são reflexos que implicam redefinições das formas de periodização da vida, das categorias etárias que recortam a organização da sociedade e revisão das formas tradicionais de gerir a experiência do envelhecimento. Um processo de “politização”, com características próprias das sociedades contemporâneas, que está alcançando a velhice à dimensão pública, tornando mais evidentes os mecanismos e os agentes de sua construção social, bem como o explicitando o papel desempenhado por cada um deles: o Estado – através de políticas sociais -, o saber científico institucionalizado e as pessoas idosas.

Os alunos da UNILMA expressaram uma sensibilidade em relação à velhice que vem se transformando como reflexo e sintoma das formas de sociabilidade que desenvolvem comportamento nas cidades, numa operação que se encontra em programas como a UNILMA (Universidade Livre da Maturidade) espaço propício para diversas realizações.

Nas narrativas de cada aluno, Dona Olívia disse que a experiência do curso “*foi muito boa. Estou muito feliz! Aprendi muito mesmo. Eu vou ficar aqui o resto da minha vida, aqui numa sala de aula, eu adoro tudo*”. Para o Senhor João Capóia “*toda pessoa de idade tá vindo. De todas as aulas alguma coisa nós aprendemos. Aqui a gente se sente valorizada e isso deixa a gente contente. Fica com a cabeça leve. A gente vê as pessoas diferentes e fica assim mais feliz. É muito bom*”.

Para Dona Dora, a experiência foi contada da seguinte maneira “*aqui eu estou vivendo. Eu me soltei. Eu sinto enriquecida e sinto prazer. A aula de teatro me deixa à vontade, mais leve, fantasio, vivo uma experiência diferente, ótima. Esqueço tudo e me entrego. Aprendo*”.

A Senhora Farize relatou que

“Quando falaram no curso que vim fazer ou quis porque a palavra Livre que tem no nome da Faculdade me mostrou em toda extensão o significado. Tem a ver comigo. Eu sofro falta de companheirismo, porque sou viúva. O isolamento dói. Eu aqui fiz amizade com quem era só conhecido. Eu adoro os professores. No teatro, eu senti que me soltei. Eu sempre fui tímida e, então, agora, me sinto mais solta. Falo melhor e até tive uma professora que foi



minha aluna. Isso é lindo. Os dias de aula na UNILMA, eu vivo intensamente. A escola acertou minha agenda, porque eu organizo a vida para não faltar às aulas. Eu agradeço a todos pela felicidade e orgulho que tenho de ver meus netos dizer: minha avó faz faculdade!

O que se pretendeu demonstrar neste trabalho é que a “terceira idade” constitui um código: de comportamento, de expressões corporais e, sobretudo, de expressões de subjetividade, através do qual as experiências de envelhecimento individuais podem ser partilhadas e negociadas, em um contexto marcado pelo surgimento de um discurso científico sobre a velhice e o envelhecimento e por mudanças na forma como indivíduos, ao envelhecer, negociam com imagens estereotipadas da velhice.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Rubem. O amor que acende a lua. Campinas, SP: Papyrus, 1999.
- BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 4º ed. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- CHAUÍ, M. S. Os trabalhos da memória. In: BOSI, E. **Memória e Sociedade**: lembranças de velhos. 4ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- MAGALHÃES, Dirceu. **A invenção social da velhice**. Disponível em <<http://www.intelecto.net/cidadania/dirceu3.htm>> . Acesso em: 03 nov. 2004.